O AGRONEGÓCIO É O SEGUINTE

DE OLHO NA COP DE PARIS

AS EXPECTATIVAS de crescimento global para 2015 foram reduzidas de 3,3% para 3,1%, na revisão feita pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), em outubro. Para 2016, o crescimento deve ser de 3,6%. Com a desaceleração das economias emergentes – relacionada, principalmente, à queda dos preços das *commodities* e a fatores domésticos em grandes economias como China e Brasil –, desde 2014 as economias desenvolvidas passaram a puxar o crescimento.

A desaceleração da China e a recuperação das economias americana e europeia – estas duas menos intensivas em *commodities* – afetam de modo desigual a economia brasileira. Enquanto a recuperação das economias americana e europeia tende a beneficiar a indústria de transformação nacional, a desaceleração dos emergentes tende a prejudicar os produtores de *commodities*. Mesmo assim, o efeito da desvalorização do real frente ao dólar ainda garante boa remuneração para grande parte dos produtores rurais.

A grande notícia internacional no último mês foi a celebração da chamada Parceria Transpacífica (TPP, na sigla em inglês). A parceria corresponde a um conjunto de acordos comerciais que facilita a compra e a venda de bens e serviços entre doze importantes países. O impacto negativo para o Brasil virá no longo prazo, quando nosso agronegócio poderá encontrar maior dificuldade para acessar mercados mais dinâmicos, como os consumidores japoneses e norte-americanos. Ou seja, apesar de o País ser pouco afetado no curto prazo, ficará mais difícil para conquistarmos novos mercados no futuro.

Outro foco de atração é a 21ª reunião da Conferência das Partes (COP-21), que acontecerá em Paris, no começo do próximo mês – dias 7 e 8 de dezembro. A perspectiva é de assinatura do maior acordo climático do mundo. O Protocolo de Paris substituirá o Protocolo de Kyoto, que entrou em vigor em fevereiro de 2005. Bem oportuna, a entrevista deste mês é com a economista Marina Grossi, negociadora do Brasil nas COPs entre 1997 a 2001 e coordenadora do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas entre 2001 e 2003. A grande novidade do evento deste ano são as Intended Nationally Determined Contributions (INDCs), por meio das quais cada país apresentará propostas para reduzir as suas emissões de gases do efeito estufa.

No suco de laranja, o grande esforço da cadeia produtiva é recuperar o espaço perdido nas exportações, principalmente nos últimos dez anos. Nesse sentido, a Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBR) assinou acordo para realização de um amplo trabalho de *marketing* para a promoção do produto na Europa, destino de 70% das exportações brasileiras. O projeto será realizado em parceria com a Associação Europeia de Sucos de Frutas (AIJN, na sigla em francês) e irá envolver as principais marcas e empresas engarrafadoras, num investimento de US$ 7 milhões ao ano. A ideia, agora, é levar conteúdo para médicos, nutricionistas e formadores de opinião na Europa, num extenso trabalho de relações públicas, a fim de recolocar o suco no *hall* das bebidas saudáveis.

Internamente, o plantio da safra de verão 2015/16 corre a todo vapor. Mesmo diante de um ambiente

econômico tenso e recessivo, assistiremos a uma expansão na área plantada. A desvalorização do real frente ao dólar melhorou a rentabilidade da soja, carro-chefe da produção nacional de grãos. As atenções voltam-se para a oferta de crédito rural para atender a demanda dos produtores.

No mercado de carnes, com os problemas enfrentados pela economia brasileira, o consumo em 2015 está menor. Mesmo assim, o cenário ainda é bom para o confinamento, que, na simulação realizada pela ***Agroanalysis***, apresentou lucro de R$ 259,47/@, o que representa uma rentabilidade de 3,45% ao mês. No setor industrial, apesar do desemprego recorde, os frigoríficos mantiveram as margens de comercialização semelhantes às de 2014. Uma das explicações está na menor disponibilidade de animais para abate.

Um dos destaques de capa desta edição da ***Agroanalysis*** é o projeto de piscicultura que a Fundação Getulio Vargas desenvolveu para o governo do estado do Acre e que resultou na implantação da Peixes da Amazônia S.A. O projeto mostra como é possível conciliar o aumento da oferta de proteína animal com a redução da pressão sobre a floresta nativa, propiciando, ao mesmo tempo, inclusão social, estímulo ao empresariado local e atração de recursos para investimentos na região. Este empreendimento serviu para desmistificar a crença de que o combate ao desmatamento da Floresta Amazônica é uma atividade geradora de custos sociais e redução das taxas de crescimento econômico.

Para encerrar, mais uma vez, apresenta-se o Caderno Especial sobre a cadeia produtiva da pecuária de corte, com depoimentos e análises de especialistas. Mesmo com a combinação de recessão, redução no consumo interno e menor exportação, os preços da arroba conseguem sustentar-se em valores reais. Isso pode ser explicado por uma menor disponibilidade de animais prontos para serem entregues aos frigoríficos, em função do abate mais intensivo de matrizes nos últimos anos. Com os preços elevados nas cotações dos animais em reposição, a esperada expansão no confinamento não deverá acontecer neste ano. ■

